



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

2

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Atena
Editora
Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

2

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-285-2
DOI 10.22533/at.ed.852202008

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do cenário em que se encontra a educação brasileira, é comum a resistência à escolha da docência enquanto profissão. Os baixos salários oferecidos, as péssimas condições de trabalho, a falta de materiais diversos, o desestímulo dos estudantes e a falta de apoio familiar são alguns dos motivos que inibem a escolha por essa profissão. Os reflexos dessa realidade são percebidos cotidianamente no interior dos cursos de licenciatura e nas diversas escolas brasileiras.

Para além do que apontamos, a formação inicial de professores vem sofrendo, ao longo dos últimos anos, inúmeras críticas acerca das limitações que algumas licenciaturas têm para a constituição de professores. A forma como muitos cursos se organizam curricularmente impossibilita experiências de formação que aproximem o futuro professor do “chão da sala de aula”. Somada a essas limitações está o descuido com a formação de professores reflexivos e pesquisadores.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a formação de professores, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são experienciadas no interior da escola e da universidade, nesse movimento de formação do professor pesquisador.

É nesse sentido, que o volume 2 do livro **Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado** nasceu, como forma de permitir que as diferentes experiências do [futuro] professor sejam apresentadas e constituam-se enquanto canal de formação para professores da Educação Básica e outros sujeitos. Reunimos aqui trabalhos de pesquisa e relatos de experiências de diferentes práticas que surgiram no interior da universidade e escola, por estudantes e professores de diferentes instituições do país.

Esperamos que esta obra, da forma como a organizamos, desperte nos leitores provocações, inquietações, reflexões e o (re)pensar da própria prática docente, para quem já é docente, e das trajetórias de suas formações iniciais para quem encontra-se matriculado em algum curso de licenciatura. Que, após esta leitura, possamos olhar para a sala de aula com outros olhos, contribuindo de forma mais significativa com todo o processo educativo. Desejamos, portanto, uma ótima leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DIVERSIDADE CULTURAL COMO PRÁTICA NA EDUCAÇÃO	
Ronaldo Carvalho Adir Casaro Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.8522020081	
CAPÍTULO 2	13
A IMPORTÂNCIA DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE: ATIVIDADES LÚDICAS E EXPERIMENTAIS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO	
José Manuel Amancio da Silva Kaio Hemersson Oliveira Romão Victória Pinheiro Alves Francisco Ferreira Batista Pedro Nogueira da Silva Neto Polyana de Brito Januário	
DOI 10.22533/at.ed.8522020082	
CAPÍTULO 3	23
FORMAÇÃO DOCENTE E QUALIDADE EDUCACIONAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Daniela Ferreira Nunes Simone Leal Souza Coité	
DOI 10.22533/at.ed.8522020083	
CAPÍTULO 4	35
INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	
João Paulo Buraneli Mantoan Rodrigo Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8522020084	
CAPÍTULO 5	44
OS IMPACTOS DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE GRADUANDOS EM PEDAGOGIA DA UNAERP	
Samila Bernardi do Vale Lopes Claudinei de Souza Heloísa Alves Rosa Gabriela Vansan	
DOI 10.22533/at.ed.8522020085	
CAPÍTULO 6	58
NARRATIVAS REFLEXIVAS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE QUÍMICA	
Robson Macedo Novais	
DOI 10.22533/at.ed.8522020086	
CAPÍTULO 7	68
O CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS: UMA ESTRATÉGIA PARA SE INSTITUIR UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO	
Fabrícia Lopes Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8522020087	

CAPÍTULO 8	80
UM ESTUDO SOBRE OS CURSOS PROEJA DO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ Hanny Paola Domingues Josmaria Aparecida de Camargo Sonia Maria Chaves Haracemiv DOI 10.22533/at.ed.8522020088	
CAPÍTULO 9	86
UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS E NEUROCIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO LICENCIADO Aline Andrade de Sousa Andressa Pereira Costa Rebeca Chipaia de Sousa DOI 10.22533/at.ed.8522020089	
CAPÍTULO 10	93
DOCENTES NA AMAZÔNIA: NARRATIVAS, TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS Adalberto Carvalho Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.85220200810	
CAPÍTULO 11	105
UMA REFLEXÃO SOBRE O “SER COORDENADOR PEDAGÓGICO” DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MATO GROSSO DO SUL Michele Serafim dos Santos Flavinês Rebolo DOI 10.22533/at.ed.85220200811	
CAPÍTULO 12	120
DIVERSIDADES E MEDIAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLEXÕES E ANÁLISES TEXTUAIS CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES Fabiola Xavier Vieira Garcia DOI 10.22533/at.ed.85220200812	
CAPÍTULO 13	126
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA Allana Rajla Gonçalves Gomes Yuri Vidal Santiago de Mendonça DOI 10.22533/at.ed.85220200813	
CAPÍTULO 14	138
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: O ENSINO NORMAL NA REFORMA ESTADUAL DE MANUEL DUARTE (1928-1929) Thiago Bomfim Casemiro DOI 10.22533/at.ed.85220200814	
CAPÍTULO 15	153
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS Neusa Nogueira Fialho DOI 10.22533/at.ed.85220200815	

CAPÍTULO 16	165
SAÚDE VOCAL DOS PROFESSORES: FERRAMENTA CONDICIONANTE DO TRABALHO DOCENTE	
Anaisa Alves de Moura Giovanna Morais Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85220200816	
CAPÍTULO 17	174
A EXPERIÊNCIA DE SI NA FORMAÇÃO DO ARTISTA – DOCENTE	
Jacqueline Rodrigues Peixoto José Albio Moreira de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.85220200817	
SOBRE O ORGANIZADOR	182
ÍNDICE REMISSIVO	183

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DIVERSIDADE CULTURAL COMO PRÁTICA NA EDUCAÇÃO

Data de aceite: 03/08/2020

Data de Submissão: 06/05/2020

Ronaldo Carvalho

Programa de Pós-Graduação em Educação/
Universidade Católica Dom Bosco
Novo Progresso-Pará
<http://lattes.cnpq.br/2336297101823805>

Adir Casaro Nascimento

Programa de Pós-Graduação em Educação/
Universidade Católica Dom Bosco
Campo Grande-Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/1629728652577164>

RESUMO: Esse artigo refere-se a uma formação continuada, desenvolvida em julho de 2019 com 148 docentes do Ensino Fundamental do município de Novo Progresso-PA. Com objetivo de fomentar no âmbito escolar a reflexão sobre as práticas educacionais, incentivando ações multiculturais, bem como redimensionar as práticas pedagógicas a fim de instigar uma decolonização curricular e construir juntos, ações voltadas ao respeito e promoção do “outro”, dentro das perspectivas de classe social, gênero etnoracial, religiosa, física... promovendo assim uma educação intercultural dentro da escola. Metodologicamente fora desenvolvido

uma explanação sobre o tema, abordando conceitos básicos dentro dos estudos culturais como: colonização, decolonização, relações de poder, sujeitos subalternos, diversidade cultural e outros. Analisou-se alguns documentos norteadores das práticas educativas que se pauta pela multiculturalidade tais como: Direitos Humanos, PCNs, BNCC, UNICEF, Leis e outros. Foi possibilitado testemunhos de vida de um jovem homossexual, expondo suas dificuldades, por conta da discriminação social e promovido discussões grupais, precedido do desenvolvimento de plano de aula, abordando dentro do currículo de cada disciplina, ações multiculturais. Posteriormente os professores responderam a um questionário criado no “Google form” enviado via WhattsApp sobre os temas abordados. Entre os resultados obtidos foi possível verificar que na ótica dos educadores deste município, existem ações discriminatórias no ambiente educacional em que atuam, e que a referida formação foi de importância para os mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores, multiculturalismo, educação.

ABSTRACT: This article refers to a continuing education developed in July 2019 with 148 elementary school teachers in the city of Novo Progresso-PA. Aiming to foster reflection on educational practices at school, encouraging multicultural actions, as well as resizing pedagogical practices in order to instigate a curricular decolonization and build together, actions aimed to respect and promotion the “other” within social class perspectives, gender or even physical thus promoting a multicultural education within the school. Methodologically, an explanation of the theme had been developed, addressing basic concepts within cultural studies such as colonization, decolonization, power relations, subordinate subjects, cultural diversity among others. We have analyzed some guiding documents of educational practices that are guided by multiculturalism such as: Human Rights, NCPs, BNCC, UNICEF, Laws among others. It was made possible testimonies of life of a young homosexual exposing his difficulties, due to social discrimination and promoted group discussions, preceded by the development of the lesson plan, addressing within the curriculum of each discipline, multicultural actions. Subsequently, the teachers answered a questionnaire created on Google form sent via Watts App about the topics covered. Among the results obtained, it was possible to verify that, from the point of view of the educators of this municipality, there are discriminatory actions in the educational environment in which they work, and that this training was important to them.

KEYWORDS: Teacher education, multiculturalism, education.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo Candau e Moreira (2003, p.160) “a escola é, sem dúvida, uma instituição cultural”. Essa premissa nos faz refletir sobre os ideais educativos apregoados na/pela escola no passado e nos dias atuais, no sentido de desenvolver na prática uma educação que valorize a diversidade cultural que nos rodeia, que proporcione uma construção da identidade igualitária na diferença, e que se oponha a toda forma de discriminação e relações de poder. Para isso, o exercício pedagógico deve ser construído de forma plural no sentido da valorização do “outro” e da desconstrução de um modelo padrão perfeito e hegemônico, a fim de entender a “diferença” como construtora de identidades pessoais.

Diante desse contexto, foi desenvolvido através da Secretaria de Educação do município de Novo Progresso no estado do Pará, uma formação continuada que vai ao encontro das diretrizes de ações do UNICEF para obter do “selo UNICEF”. As atividades iniciaram às 7h do dia 29 de julho de 2019, com o credenciamento dos professores, seguido de café da manhã. e abertura oficial do evento às oito horas. O discurso de abertura foi proferido pelo coordenador do SINTEP e pela secretária municipal de educação, que mencionou a importância da temática para o desenvolvimento do trabalho escolar. Após a abertura, abre-se o momento para formação, reflexão e o diálogo com os professores.

2 | O LEGADO COLONIZADOR E A CULTURA EUROCENTRISTA

Em fase escolar, iniciamos os estudos sobre a história do Brasil, aprendemos que foi colonizado por Portugal, a partir do ano de 1500. Portugal é um país do continente europeu que devido as necessidades comerciais, foi pioneiro nas expansões marítimas a fim de buscar novas rotas para o comércio (engrenagem principal do capitalismo). Em busca de novas rotas comerciais, chegou a Ásia, a África e depois ao continente americano, mais especificamente no que hoje chamamos de Brasil. Aportando, no litoral, deparara-se com os nativos que aqui já viviam há séculos, logo a ideia de “descobrimento” cai por terra dando lugar ao real intento, baseada em fatos históricos e corroborada como pensamento de Carvalho (2019),

A Coroa portuguesa, quando empreendeu o financiamento das navegações marítimas portuguesas no século XV, tinha como principal objetivo a expansão comercial e a busca de produtos para comercializar na Europa (obtenção do lucro), mas não podemos negligenciar outros motivos não menos importantes como a expansão do cristianismo (Catolicismo) (CARVALHO, 2019, p. 01.).

Devido a constatação das riquezas aqui encontradas, iniciou-se o processo de ocupação efetiva por volta de 1530, com a criação das Capitânicas. Carvalho (2019) apresenta as principais características adotadas na colonização do Brasil;

civilizar, exterminar, explorar, povoar, conquistar e dominar. Sabemos que os termos civilizar, explorar, exterminar, conquistar e dominar estão diretamente ligados às relações de poder de uma determinada civilização sobre outra, ou seja, os portugueses submetendo ao domínio e conquista os indígenas (CARVALHO, 2019, p. 01.) (grifo nosso).

Os “indígenas”, eram o povo aqui encontrado, que devido a “cultura diferente” da lusitana, foram considerados “selvagens”. Com a chegada dos portugueses, a tradição e os costumes indígenas foram sistematicamente silenciadas e a cultura europeia passa a ser predominante nas terras brasileiras. Os primeiros encontros foram considerados pacíficos, mas confrontos entre portugueses e nativos apareceram por causa da necessidade de mão de obra a qual algumas tribos eram submetidas. Nativos morreram devido as guerras e doenças como a gripe, trazidas do além-mar pelos europeus. Por outro lado, os franceses tinham uma relação mais amigável com as tribos potiguara, juntos chegaram a atacar a ilha de Itamaracá no estado de Pernambuco. As várias lutas entre indígenas, franceses e portugueses dão início ao povoamento e a miscigenação das raças onde o casamento entre europeus e nativos, tornou-se uma forma de produzir alianças e assegurar o domínio local. Quanto a isso Ribeiro (1995) fala:

A instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o cunhadismo, velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhes dar uma moça índia como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo (RIBEIRO, 1995, p.81).

O autor cita ainda que mais tarde, quando o “vislumbre” pelos artefatos e a dependência das ferramentas trazidas da Europa pelo colonizador diminuíram, e a

violência aplicada por conta da necessidade de obrigar o nativo a trabalhos forçados aumentou, tal situação ultimou na escravização indígena (os que não eram aliados). Com a expansão da produção de açúcar, fumo e outras, a necessidade de mão de obra tornou-se indispensável e culminou na importação de escravos africanos, sendo que os primeiros escravos chegaram ao Brasil por volta de 1539. Usurpados da África, os que resistiam as doenças, a alimentação precária e maus tratos, chegavam aos portos brasileiros debilitados. Sendo anunciados como mercadorias, como cita Schwarcz (2015):

Além da venda *in loco* os homens e mulheres escravizados eram anunciados nos jornais. Ao buscar os periódicos do período este tipo de anúncio é facilmente encontrado. Postos à venda a partir do seu sexo, idade e etnia a preferência se dava por homens adultos – os mais caros. A venda envolvia garantias: caso o cativo apresentasse alguma doença ou debilidade física nos quinze dias seguintes à venda podia ser devolvido (SCHWARCZ, 2015, p.56).

Assim o colonizador despido de senso humanitário entroniza seu modo de vida europeu e suas aspirações, subjugando qualquer outra expressão identitária de cultura, seja nativa ou africana, de forma violenta, impondo-se como “modelo” a ser seguido e obedecido. Fica clara a relação de poder hegemônico por parte dos europeus portugueses em desfavor das culturas afro e nativa, subalternizadas desde a gênese da identidade cultural brasileira. Com relação ao termo “civilizar”, de acordo com Ferreira (1999), refere-se a “melhorar”, sob o ponto de vista intelectual, moral e industrial e ainda “tornar civil, cortês, polido” neste sentido trazemos estes questionamentos para reflexão. Como foram tratados os nativos do Brasil no momento da chegada/colonização pelos europeus em relação a sua cultura? E os negros a partir da sua essência africana? O que faz uma cultura elevar-se como padrão e ser considerada melhor que outra?

O termo “cultura” vai além da expressão das características, e hábitos de um povo, Faundez; e Freire (1985) defendem que:

Cultura não é só a manifestação artística e intelectual que se expressa no pensamento. A cultura manifesta-se, sobretudo, nos gestos mais simples da vida cotidiana. Cultura é comer de modo diferente, é dar a mão de modo diferente, é relacionar-se com o outro de outro modo. A meu ver, a utilização destes três conceitos – cultura, diferenças, tolerância – é um modo novo de usar velhos conceitos. Cultura para nós, gosto de frisar, são todas as manifestações humanas, inclusive o cotidiano e é no cotidiano que se dá algo essencial: o descobrimento da diferença (FAUNDEZ; FREIRE, 1985, p. 34).

Neste sentido os efeitos desencadeados pela colonização europeia no Brasil e em outros países, praticamente obliteraram a personalidade cultural dos colonizados, e os efeitos deste poder, inoculam ainda a sociedade brasileira, seja no acesso a educação, saúde, na política e religião, a colonização ostensiva produziu e ainda reproduz um colonialismo opressor e as mudanças nesta colonialidade não acontece de forma pacífica. Neste contexto disse Fanon (2005. p.51) “a respeito da restituição da nação ao povo” e que “a descolonização é sempre um fenômeno violento”.

Por vez, os brasileiros supervalorizam os produtos que vem de outros países

como cinema, caros, vinhos, perfumes, et all. Desta forma perpetramos o pensamento colonizador que fortalece a ideia de que os produtos (materiais e imateriais) advindos do exterior, principalmente europeus, são melhores ou mais importantes dos que produzido no Brasil, ditando uma forma de comportamento de dominação e o brasileiro se subalterniza no sentido de desmerecer seus “produtos”. Este pensamento é legado aos tempos coloniais, embora teoricamente vivemos no “pós modernismo”, os reflexos do ideal colonizador ainda ressoa impondo pensamentos, ações e reações colonizadoras, quase imperceptíveis, perante a sociedade. Segundo Quijano (2005):

[...] Eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa Ocidental antes da metade do século XVII, ainda que algumas de suas raízes são sem dúvida mais velhas, ou mesmo antigas, e que nos séculos seguintes se tornou mundialmente hegemônica percorrendo o mesmo fluxo do domínio da Europa burguesa. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América (QUIJANO, 2005, p. 115).

O eurocentrismo pode ser considerado como uma doutrina que visa estabelecer a Europa, bem como a sua cultura, sua língua e seu povo como o elementos fundadores das outras civilizações, portando-se como a progenitora da história humana. Esse pensamento construiu através da colonização uma sociedade com pensamento cultural afixado no ideal capitalista europeu. Este ideal foi transplantado às novas gerações desde o Brasil colônia através das diversas instituições, sobre tudo na escola, como nos relata o pensamento folcaltiano encontrado em Mendes (2008),

instituições públicas são produções tecnológicas para esse controle e a prova disso é o modelo arquitetônico panóptico[...] Como é de conhecimento popular, o panóptico é uma forma de observar que também vigia os corpos dos internos, controla, portanto suas ações. Nesse sentido, podemos afirmar que a motivação do nascimento da escola é parte da estratégia dessa vontade de poder que se legitima, sob a alegação da necessidade de proteger a sociedade. Nesse contexto, gera-se uma vontade de saber educar a natureza da criança, desde tenra idade, como também uma vontade de saber reconduzir indivíduos jovens ou adultos, que manifestam comportamentos “anormais”, reintegrando-os ao convívio social (MENDES, 2008, p.39).

Ao observar que a instituição escolar é um ambiente que de certa forma, produz e reproduz características sociais, ao controlar um determinado estereótipo social, percebemos que ao logo da história colonizadora a prerrogativa da monocultura capitalista sempre esteve presente no âmbito escolar. Nos dias atuais a “Escola sem partido” é uma tentativa de exterminar a possibilidade da escola, colaborar na construção de mentes politicamente libertas.

3 | A EDUCAÇÃO E O MULTICULTURALISMO

Na contra mão da construção de uma escola democrática, percebemos com Candau (2002) o viés monocultural de muitas escolas, que buscam:

Homogeneizar a cultura e construir um projeto comum, em nome do qual ‘deslegitima’ dialetos, saberes, línguas, crenças, valores diferentes, pertencentes aos grupos subordinados, considerados inferiores (CANDAUI, 2002, p.83)

De forma contrária a explicitada a cima, hoje busca-se uma escola multicultural que promova o pensamento decolonial e que respeite a individualidade do aluno, isto é comprovado quando se foca nos “indicadores da qualidade na educação” apresentados pelo Inep-MEC/UNICEF na “dimensão 01- Ambiente Educativo” onde apresenta-se no item 4. Combate à discriminação, nele as escolas podem se alto analisar mediante os 03 subitens apresentados:

4.1.Na escola todos são tratados com respeito e mantêm laços de amizade, não importando se são negros, brancos, indígenas, pessoas com deficiência, ricos ou pobres, homens ou mulheres, homossexuais ou não?

4.2.Quando os alunos têm atitudes preconceituosas ou discriminatórias (como fazer brincadeiras ou usar apelidos que humilhem seus colegas), isso é conversado na sala de aula ou em outro espaço da escola para que não aconteça mais?

4.3.A discriminação (atos preconceituosos contra pessoas com deficiência, povos indígenas, mulheres, negros, homossexuais e outros) é assunto abordado durante as aulas como algo que prejudica as relações entre as pessoas e que é crime? (AÇÃO EDUCATIVA, 2007, p. 21).

Da mesma forma, os PCNs já arrolavam nos “OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL” os alicerces educativos voltados a construção de uma educação compromissada na erradicação do racismo, da discriminação, sendo proponente de ações multiculturais.

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 2016, 02.)

Recentemente a BNCC implementou tal visão norteadora, observadas na explicitação das 8ª e 9ª competências. Na 8ª competência da BNCC espera-se que o aluno desenvolva no item “Autoconhecimento e autocuidado”.

O que é: **Conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se.**

Para: Cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Incentivo: Reconhecimento de emoções e sentimentos e como influência de suas atitudes. (grifo meu). (BRASIL, 2016, 02.)

Na 9ª competência da BNCC espera-se que o aluno desenvolva no item “Empatia e cooperação”.

O que é: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação.

Para: Fazer-se respeitar e **promover** o respeito ao outro e aos direitos humanos, com

acolhimento e **valorização da diversidade, sem preconceitos de qualquer natureza.**

Incentivo: Diálogo como mediador de conflitos e acolhimento da perspectiva do outro. (grifo meu). (BRASIL, 2016, 02.)

Neste sentido, estes documentos brasileiros, fornecem legitimação para a escola desenvolver uma educação voltada as diversidades e de forma não discriminatória. Mais antigo, porém concomitante, é observado no “objetivo” da Declaração Universal dos Direitos Humanos construído em 1948, após a segunda guerra mundial a partir da ONU (Organização das Nações Unidas) a qual o Brasil já fazia parte como nos relata Ribeiro (2019):

A presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e **cada órgão da sociedade**, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, **através do ensino e da educação**, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.(grifo meu). (RIBEIRO, 2019.)

Embora hoje, ainda perceba-se certa resistência, a escola possui legalidade e compromisso e é o ambiente favorável para promover o respeito aos direitos humanos não discriminatórios como ainda cita o artigo 02 deste documento.

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (RIBEIRO, 2019.).

Concluimos então, que embora o pensamento eurocentrista ainda esteja presente em nosso dia a dia, e que por vezes a escola foi um ambiente reprodutivo desta ideologia, hoje tende-se por uma visão de aceitação e respeito ao “outro”. Neste ponto da explanação foi interpretada (voz e violão) a música “Olhos Coloridos” de Sandra de Sá por um convidado, com reflexão na temática da beleza negra e da não discriminação.

4 | A QUESTÃO DE GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO

Durante a formação, fora abordado a questão de gênero, com reflexão sobre a subalternização e invisibilização da figura feminina ao longo da história, e se hoje a mulher vive um processo de empoderamento é devido a árdua luta, de décadas. Defendeu-se no discurso, que ao docente cabe incentivar reflexões a cerca da questão, promovendo um espaço democrático onde meninas não se sintam inferiorizadas por meninos a final a identidade de gênero é a forma com que a pessoa se sente e se vê, sendo como homem, mulher, ou ambas e que a sexualidade se refere ao tipo de comportamento em virtude de um desejo sexual, desejo esse que na maioria das vezes inicia-se na adolescência no ambiente escolar e que geram situações em sala de aula as quais o professor precisa

gerenciar.

A orientação sexual refere-se a forma que um indivíduo se atrai afetivamente e sexualmente por outro/a. Com enfoque higienista, já havia orientações para discutir questões inerentes a sexualidade no âmbito escolar, nos “Temas Transversais” nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) desde 1998, norteando o professor no sentido de:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano.[...] Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. [...] Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. [...] Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. [...] Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1998, p.77).

Nesta perspectiva o documento norteador já corroborava para destruir estereótipos como “menina veste rosa” e “menino veste azul” e que abordar estes assuntos faz parte das tarefas docentes, não no sentido de instigar ou coibir determinados posicionamentos ou opções, mas no sentido de salvaguardo e respeito pela identidade sexual de cada um.

Durante a formação, um convidado jovem homossexual negro compartilhou sua história de vida, enfocando a discriminação que sofreu ao longo da vida, até mesmo no seio familiar e que ainda sofre. Alguns dos participantes se emocionaram e fizeram algumas perguntas, entre elas ressoou esta: No ambiente escolar em que viveu, em meio às discriminações, você obteve algum tipo de apoio da escola ou dos professores? O jovem respondeu que os professores/as tentavam evitar atos discriminatórios e que um, em específico, já o havia defendido em uma tentativa de agressão física.

5 | ENGLOBANDO A DIVERSIDADE NAS AULAS

Com a finalidade de inserir na prática, à luz dos conceitos teóricos abordados, fora construídos grupos por disciplinas e subdivididos os docentes de acordo com sua atuação, em anos iniciais (1º a 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano). Com o objetivo de construir um plano de aula, utilizando um conteúdo curricular e adicionando um tema que abordasse uma característica em prol da diversidade. Discutiram entre si e formularam planos de aula, entre os planos produzidos transcrevemos este:

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

TURMA: 6º ANOS

TEMPO DE DURAÇÃO: 04 AULAS DE 45 MINUTOS

CONTEÚDO: GÊNERO “CANÇÃO”

OBJETIVO GERAL:

- Promover a interação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através do gênero “canção”.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

- Facilitar o processo de comunicação entre ouvintes e surdos, diminuindo a possibilidade de exclusão no ambiente educativo;
- Desenvolver o alfabeto através da (LIBRAS);
- Propor através de uma canção a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

MATERIAL: Computador, projetor, aparelho de som, material impresso.

LOCAL: sala de aula

METODOLOGIA: Após a leitura do conteúdo e a explicação do professor, os alunos assistirão dois vídeos curtos, o primeiro mostra na prática a transmissão de telejornal em libras e outro sobre a introdução dos movimentos iniciais em Libras. Na sequência serão organizados em trios, com posse do material poderão construir frases e apresentá-las a turma que deverá decifrar a frase.

CONTEÚDO TEÓRICO:

vídeo-Lição 1 LIBRAS Língua Brasileira de Sinais encontrada em : https://www.youtube.com/watch?v=w72R_LVWiSs em 05/08/2019.

AValiação: Serão avaliados conforme a participação individual e coletiva. (produção do grupo de professores/as no evento. 2019).

O exemplo citado, foi escolhido pela simplicidade relativa da ação e pela complexidade da perspectiva, de promover na escola, junto aos surdos/mudos, não somente a inclusão dos “excluídos” mas à sua visibilização através da linguagem de sinais, podendo expressar-se e ser compreendido em sua diferença. Nesta perspectiva, resume Mantoan (2011, p 31) ao citar Santos (1999) “temos o direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza, e direito à diferença, quando a igualdade nos descaracteriza!”

6 | ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS

Durante a formação, foi proposto um questionário aos professores, retirado da obra de Freitas (2012) “A diversidade cultural como prática na educação”, sendo formatado no aplicativo de formulários, “*Google forms*” (<https://www.google.com/forms/about/#start>) e enviado através do *linck*, <http://docs.google.com/forms/d/1GIUQCNU7y16lsGkpiACB05EAbegGjNi-tAi8ytGZPc/edit> via aplicativo *WhatsApp*, para 94 professores que se dispuseram a responder e que se cadastraram com um número válido de telefone celular e

que possuem o aplicativo mencionado ou seja 63,5% dos presentes na referida formação. O questionário ficou disponível para resposta por 14 dias, sendo que dos 94 professores que receberam o formulário, somente 42,5% ou 40 dos docentes que receberam o questionário, o responderam. Desta forma obtivemos as seguintes informações:

Ao questionarmos o referido grupo de professores sobre a formação do povo brasileiro e da sua cultura, 82,5% disseram que os colonizadores iniciaram no Brasil a custa do capitalismo um processo de dominação, reproduzindo a cultura europeia, com a justificativa de “civilizar”. 7,5% defenderam que na colonização, portugueses encontraram os nativos selvagens e sem cultura, logo foi importante civilizar os que aqui encontraram, reproduziram desta forma uma ideia eurocêntrica na qual invisibiliza a cultura nativa na colonização e que “civilizar” é através das relações de poder, matar a cultura do outro. Três respondentes ou 7,5%, disseram que os primeiros processos educativos levaram em conta a miscigenação do povo brasileiro e foi construído a partir desta identidade cultural, o que não é uma verdade, pois a literatura demonstra o contrário, que o modelo educacional, foi europeu e veio através da catequização e não respeitou as crenças e costumes nativos. Embora 100% dos respondentes, acreditam que toda cultura possui seus códigos e significados próprios, os quais são essenciais para os seus praticantes e devem ser respeitados.

Ao apresentarmos a escola e seus processos, 95% dos respondentes disseram que a educação é um dos espaços privilegiados para o exercício da tolerância e do respeito à diversidade e 05% acreditam que a educação deve ser vista como forma de trazer à tona a civilização e a cultura verdadeira, avançada e universal. Neste ponto, alguns educadores defendem um modelo universal de cultura e que a diversidade deva ser convertida em unidade.

Analisando as possibilidades de veiculação de conteúdo curriculares aliados a temas multiculturais e de respeito aos grupos subalternizados da sociedade 7,5% acreditam que esta abordagem é importante e necessária, pois vai de encontro a produção de uma sociedade culturalmente igualitária. Neste sentido anula-se o direito de ser culturalmente diferente. 92,5% responderam que através destes trabalhos podemos produzir vivências e através delas, incentivar o olhar o “outro” com respeito. Demonstrado assim uma lógica da educação e de seus instrumentos a favor da diversidade.

Quando questionados sobre o reconhecimento dos estereótipos, 90% entendem que: “Quando um menino cai na escola e chora porque se machucou e alguém diz “O que é isso, homem não chora”, essa pessoa está acionando uma série de estereótipos machistas” e 10% não compreenderam que um indivíduo subalternizado é aquele que apresenta uma relação de subordinação em relação a alguém que exerce poder sobre ele.

56,4% disseram que gênero diz respeito a como masculino e feminino se relacionam socialmente e que a noção do que é ser mulher e ser homem se apresenta de formas

distintas em diferentes sociedades. 28,2% não entendem que homossexual diz respeito ao homem ou a mulher que sente atração, afeto, desejo por outro de mesmo sexo e 15,4% acreditam que os estudos de gênero ajudam a reafirmar as diferenças naturais, as quais devem ser consideradas verdadeiras e inquestionáveis.

Sobre a frequência com que é observado na escola atitudes de discriminação, seja de classe social, racial, religiosa, estética, de gênero e outras obtivemos que 43,9%, dizem acontecer raramente, 51,2% dizem acontecer com frequência, 4,9% dizem acontecer com muita frequência. Sobre a possibilidade de abordar, temas multiculturais dentro do conteúdo da sala de aula, 63,4% disseram ser muito possível, 4,9% pouco possível e 31,7% disseram ser impossível.

Sobre a importância desta formação para o trabalho docente, 01 docente disse não ter importância, 24,4% acharam importante e 73,2% reconhecem como muito importante esta formação para a docência. Por fim foi indagado aos docentes, com a finalidade de avaliar a absorção do tema, através das atividades, conteúdo e a abordagem o grau de entendimento do conteúdo após a formação. Assim, quatro responderam que compreenderam pouco, e 90,2% disseram ter compreendido muito sobre o tema.

7 | CONSIDERAÇÕES

Em consideração a toda reflexão e ação transcrita na literatura já desenvolvida desde a década de 80, através dos estudos do grupo modernidade/colonialidade na América Latina que pôs em questionamento a centralidade cultural, social e política do poder eurocêntrico. Considerando os reflexos que têm a figura e a obra do filósofo e educador Paulo Freire no Brasil, principalmente no que diz respeito a sua obra “Pedagogia do Oprimido” no seio escolar. Aos documentos norteadores da educação, seja, PCNs ou BNCC ou de forma mais ampla como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, legitimando a educação para diversidade;

Percebemos uma escola, na figura do educador, ainda com dúvidas sobre a função de propiciar um ensino pró diversidade e de como fazê-lo. Essa colonialidade que por vezes agarrada ao bojo da educação, dita padrões, viabiliza subalternização, corrompe a liberdade, e perpetua as diferenças de classe. Assim, o reconhecimento da necessidade de operar em favor das diferenças é essencial ao professor, para que o ato de educar possa ser uma alavanca na construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, onde haja equidade na diferença.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA et al. (Coord.). **Indicadores da qualidade na educação**. 3. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

CANDAU, V. M. F.; MOREIRA, A. F. B. **Educação Escolar e Cultura(s)**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, Brasil, v.-, n.n.23, p.156-168, 2003.

CANDAU, V. M. F. **Sociedade, educação e culturas**: questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARVALHO, Leandro. Colonização do Brasil: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/colonizacao-brasil.htm>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. 374 p.

FAUNDEZ, A.; FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FREITAS, F. S. **A diversidade cultural como prática na educação**. Curitiba: InterSaberes, 2012. 138 p.

MANTOAN, M. T. E. **O Desafio das Diferenças Nas Escolas**. (Org.) 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p 60-65.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E (Org.) **A Colonialidade do saber**: Eurocentrismo e Ciências sociais –Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, A. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**: *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.htm>. Acesso em: 15 ago. 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 477 p.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 649 p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Arte 97, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Artista-docente 174, 175, 176, 181

C

CBPE 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Coordenação 45, 46, 79, 94, 95, 105, 107, 108, 111, 112

D

DAM 68, 69, 75, 78, 79

Disseminação do conhecimento 153, 156, 157, 163

Diversidade 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 53, 93, 99, 120, 121, 122, 123, 124, 154

Docentes 1, 8, 10, 11, 13, 15, 22, 23, 26, 30, 31, 33, 42, 46, 54, 56, 59, 77, 90, 93, 94, 100, 109, 118, 124, 128, 130, 137, 139, 141, 142, 148, 169, 171, 172, 174, 177

E

Educação 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 163, 164, 166, 167, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182

Educação de Jovens e Adultos 80, 81, 82, 85

Educação Profissional 80, 81, 82, 83, 85

Ensino de Química 21, 58, 62, 153, 155, 159, 161, 164

Ensino e aprendizagem 23, 29, 30, 31, 33, 52, 126, 127, 128, 129, 130, 153, 155, 158, 159, 161, 162, 164

Ensino Normal 138, 139, 146, 147, 148, 152

Estágio supervisionado 60, 61, 67

Evasão 13, 14, 16, 22, 134

Experiência 5, 14, 15, 18, 26, 37, 44, 51, 52, 54, 66, 68, 69, 75, 76, 77, 78, 88, 91, 96, 100, 108, 110, 132, 136, 153, 156, 161, 163, 174, 175, 178, 179, 180, 181

F

Fonoaudiologia 165, 166, 168, 170, 171, 172

Formação Continuada 1, 2, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 47, 69, 70, 71, 72, 86, 90, 95, 105, 108, 117, 118, 136, 155

Formação de professores 1, 14, 16, 32, 33, 35, 36, 38, 44, 45, 47, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 67, 70, 75, 78, 89, 91, 93, 126, 130, 131, 133, 138, 139, 141, 148, 149, 151, 152, 153, 163, 164, 182

Formação Docente 13, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 31, 33, 41, 44, 45, 46, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 68, 70, 72, 76, 77, 79, 87, 88, 119, 130, 143, 149, 153, 154, 155, 158, 159, 164

Formação Inicial 16, 22, 29, 33, 35, 36, 44, 46, 48, 54, 58, 59, 67, 81, 118, 139, 141, 153, 155, 156, 158, 159, 162, 163, 164

I

Instituto Federal do Paraná 80, 81, 82

L

Legislação 95, 105, 118, 121, 142, 144

Licenciatura 13, 14, 15, 16, 17, 22, 33, 46, 48, 54, 56, 58, 60, 61, 62, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 95, 97, 106, 107, 118, 133, 182

M

Mediações Étnico-Raciais 120, 122, 125

Metodologias Ativas 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Métodos pedagógicos 13, 14, 68

Multiculturalismo 1, 5

N

Narrativas 58, 60, 61, 65, 66, 67, 93, 97, 100, 102, 140, 151, 174, 176, 182

Neurociências 86, 87, 88, 89, 90, 91

P

Pedagogia 11, 12, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 54, 55, 56, 57, 83, 85, 91, 93, 95, 97, 101, 102, 106, 118, 120, 133, 150, 164, 181

Pedagógica 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 41, 42, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 60, 63, 67, 70, 77, 80, 82, 83, 91, 95, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 117, 123, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 137, 161, 162, 163, 164

Permanência 13, 14, 15, 19, 82

PIBID 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 33, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57

Práticas Pedagógicas 1, 17, 19, 49, 88, 113, 116, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 137, 154

Processos educativos 10, 23, 49, 53, 54, 91

PROEJA 80, 81, 82, 83, 84, 85

Professores 1, 2, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 181, 182

Projeto Pedagógico de Curso 80

Q

Qualidade educacional 23, 25, 26, 28, 31, 33

R

Recursos Educacionais Abertos 153, 155, 159, 164

Reforma Estadual de Manuel Duarte 138

Resistências 93, 101

S

Saúde vocal 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

T

Tecnologias da Informação e Comunicação 35

Tecnologias digitais 126, 128, 130, 131, 132, 133, 137, 153, 154, 156, 163

Trajetórias 43, 59, 93, 94, 97, 101, 102, 104, 118

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 Atena
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020